

# AS DIFICULDADES NA TRADUÇÃO DE IDIOMATISMOS

Claudia Xatara, Huelinton C. Riva e Tatiana Helena C. Rios  
UNESP

## **Introdução**

Na elaboração da direção português-francês do *Dicionário de expressões idiomáticas* (Xatara & Oliveira, no prelo), deparamo-nos com muitos problemas teóricos e práticos concernentes à tradução dos idiomatismos em um dicionário especial.

É preciso esclarecer desde já que, por um lado, um dicionário, qualquer que seja, não deve ser considerado o árbitro de uma língua, aquele que estabelece qual a resposta exata para uma dúvida ou qual a significação correta para uma determinada palavra. Um dicionário nunca vai exaurir o tema com o qual se propôs trabalhar, pois, além de a língua estar em movimento constante (surtem novas palavras, outras caem em desuso), os significados não são estáveis nem fixos. Por outro lado, convém esclarecer que o uso de uma expressão idiomática (EI) pelo falante de uma língua é muito comum e é impossível se definir ao certo se a equivalente em língua estrangeira é idêntica à usada em nossa língua, tanto no que se refere ao significado, quanto à precisão da frequência e do nível de linguagem. Paradoxalmente, entretanto, é possível se estabelecer uma correspondência idiomática interlínguas e dicionarizá-la.

## 1. Conceitos norteadores: idiomatismo e tradução

Pelo fato de estarmos trabalhando com temas polêmicos e imprecisos (tradução e idiomatismo), antes de mais nada, faz-se necessário explicitar alguns conceitos norteadores que foram de extrema importância por nos manter centrados em nosso objetivo inicial.

O conceito de tradução de que nos servimos vem de uma teoria que ao mesmo tempo desconstrói a ilusão de que a tradução é transferência de significados, e conscientiza o tradutor da impossibilidade de que este seja invisível. Dessa maneira, na tradução de idiomatismos, procuramos encontrar o máximo número de elementos que sustentassem nossas escolhas sem, contudo, esquecermo-nos de limites, muitas vezes intransponíveis. Por outro lado, ainda que encontrar uma equivalência idiomática pressuponha tais escolhas, é imprescindível que esta seja apoiada e cercada pela cultura da comunidade interpretativa na qual o lexicógrafo/ tradutor se insere e para a qual ele destina seu trabalho. Para tanto, é necessário uma ampla pesquisa que envolva não apenas obras lexicográficas, mas também informantes nativos, conhecedores de sua língua materna.

Outro conceito, o de idiomatismo, é resultado de pesquisas anteriores, de que pudemos tomar a seguinte definição: “*expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural*” (Xatara, 1998). Assim, para identificarmos uma EI consideramos as seguintes características: a indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado *estável*).

## 2. O conhecimento do objeto

Pensar sobre qualquer tradução implica primeiramente conhecer o objeto a ser traduzido, tanto com relação a seu papel no sistema lingüístico (no caso, expressão idiomática) quanto com relação a seu significado.

É necessário, portanto, como primeiro passo para a tradução de uma EI, identificá-la na língua como sendo um idiomatismo e não uma expressão similar ou próxima deste. Por exemplo, *procurar uma agulha na gaveta* tem apenas um sentido denotativo, ao passo que a EI *procurar uma agulha no palheiro* é conotativa e cristalizada com o sentido de procurar algo difícil de ser encontrado.

Tal significado, como se sabe, não é algo intrínseco às lexias, mas construído a partir da cultura, de maneira singular, por cada sujeito falante da língua. Por isso, estabelecer o significado de cada uma das EIs ainda em português, a fim de encontrar sua posterior tradução para o francês, não é uma tarefa simples. Desse modo, após termos conhecido e selecionado nosso objeto, conscientes de que o lexicógrafo/tradutor é um construtor de significados influenciado por sua cultura e por sua época, iniciamos um processo de busca dos elementos nos quais basearíamos nossas escolhas posteriores. Para essa primeira etapa, a da compreensão das EIs, além de dicionários gerais e especiais monolíngües em português, foi necessário recorrer a informantes nativos (brasileiros) que representassem os mais variados tipos de usuários da língua.

## 3. O conhecimento do processo tradutório

De um modo geral, é importante para o tradutor entender o processo tradutório não como um ato de transferência de significados, pois, como já dissemos anteriormente, é impossível recuperarmos os significados de um texto já que, mesmo em uma leitura, os significados são apenas atribuídos e não recuperados. Dessa

maneira, assumindo o tradutor o papel de um leitor, assumirá também todas as implicações concernentes ao processo de leitura, chegando a traduções satisfatórias e eficazes, visto que não tem por objetivo algo impossível e frustrante, mas algo factível.

Consideremos, portanto, como fundamentais, os seguintes pontos:

- a) o processo tradutório é uma leitura
- b) cada leitura é uma construção de significados que depende do leitor
- c) é necessário ter elementos culturais que sustentem tal leitura
- d) o processo tradutório é uma reescritura
- e) tal tradução será lida posteriormente
- e) em cada um desses processos se produz um enviesamento, seja pela linguagem seja pelo leitor.

Entretanto, ao descrever uma unidade lexical, o lexicógrafo busca e apresenta uma pretensa estabilidade de seu significado, e isso não poderia ser diferente já que só assim os dicionários podem ser elaborados. Acrescenta-se ainda que, no caso dos idiomatismos, o caráter de fixidez acentua-se, ou seja, o fato de o sentido conotativo de uma EI advir de um acontecimento histórico-social, determinado por uma cultura, delimita seu significado. Por exemplo, *vestir o paletó de madeira*, que significa “morrer”, provavelmente tenha sido criado a partir da observação de que, em nossa cultura, os mortos são enterrados em caixões de madeira. E essa fixidez dificilmente será quebrada, pois na gênese de tal idiomatismo embute-se um dado cultural que não será modificado tão cedo.

Dessa maneira, o lexicógrafo bilingüe encontra-se diante de um paradoxo: de um lado, a tradução: leitura que não é estável, de outro, a necessidade de estabelecer significados através da tradução. O objetivo da lexicografia bilingüe é portanto buscar paráfrases ou equivalências para as unidades lexicais, a fim de preencher as lacunas deixadas pelas barreiras lingüísticas e culturais, tendo consciência, contudo, da impossibilidade da exaustão de tais significados.

#### 4. O tratamento das expressões idiomáticas

##### 4.1. Nos dicionários monolíngües gerais

Embora haja um bom número de idiomatismos nos dicionários monolíngües gerais, de língua francesa ou portuguesa, talvez pelo fato de os objetivos de tais obras serem totalmente distintos dos nossos, muitas vezes não encontrávamos a EI desejada, ou as informações eram insuficientes quando encontradas. Na verdade, os dicionários gerais não incluem sistematicamente, ou não delimitam com precisão, tais lexias.

##### 4.2. Nos dicionários monolíngües especiais

Especialmente o *Dictionnaire des expressions et locutions* (Rey & Chantreau, 1994) talvez tenha sido um dos instrumentos mais utilizados ao longo de todo o trabalho por se tratar de uma de nossas principais referências em língua francesa.

Trata-se de um dicionário bem elaborado, cujo prefácio precisa convenientemente seu objetivo, seu conteúdo, sua organização e os valores culturais considerados. Além disso, cada verbete trazia as EIs francesas, em número bastante significativo, ordenadas em função da classificação alfabética de suas por palavras-chave, seu primeiro emprego datado, os sentidos que por acaso tiveram em sua evolução semântica e uma explicação suficiente de seu significado atual, quase sempre acompanhado de abonações, referências ao nível de linguagem e um sistema de remissivas.

Quanto aos dicionários especiais da língua portuguesa existentes, normalmente muito antigos, os que apresentam informações mais detalhadas sobre as EIs, infelizmente trazem uma nomenclatura bem mais incompleta e não seguem um critério de tratamento muito rigoroso com relação aos idiomatismos. Isto significa que, ou não encontrávamos muitas das EIs procuradas, ou era necessá-

rio retomar os conceitos iniciais para julgar se o que encontrávamos enquadrava-se na definição de EI previamente estabelecida.

Seja como for, são os dicionários especiais monolíngües que, por um lado, nos asseguram que, por exemplo, *casser sa pipe* em francês, assim como *bater as botas* em português, refere-se à morte. Por outro lado, é este tipo de dicionário que nos revela uma rede sinonímica ao mostrar dados confiáveis para uma aproximação semântica entre as EIs.

Desse modo, apenas no âmbito da língua francesa, podemos analisar os graus de correspondência entre *avaler sa chique* (— *sa cuiller*, — *sa fourchette*, — *sa gaffe*, — *son acte [bulletin] de naissance*), *avoir perdu le goût du pain*, *casser sa pipe*, *décoller (dévisser) son billard*, *s'endormir du sommeil de la tombe*, *faire couic*, *fermer son parapluie*, *lâcher la rampe*, *ne plus avoir mal aux dents* e *passer l'arme à gauche*. Ou, apenas no âmbito da língua portuguesa, os graus de equivalência entre *abotoar (fechar) o paletó*, *apitar na curva*, *bater as botas*, *dar com as dez*, *espichar (esticar) a canela*, *estar com a boca cheia de formigas*, *ir para a cidade dos pés juntos*, *passar desta para melhor* e *vestir o pijama de madeira*.

#### 4.3. Nos dicionários bilíngües gerais

Se identificarmos uma lexia complexa como EI, não devemos nos contentar, na tradução, com uma paráfrase da expressão. Devemos pois, encontrar uma expressão correspondente que podemos identificar com base em seu significado conotativo. Se tomarmos como exemplo a EI *de arrepiar os cabelos*, que em nossa cultura significa “espantoso, terrível, assustador”, não podemos nos contentar com traduções como *étonnant*, *terrible*, *épouvantable*, mas sim, com equivalências idiomáticas como *à faire dresser les cheveux*.

Os primeiros instrumentos utilizados na tradução dos idiomatismos foram os dicionários gerais bilíngües. Não foram, porém muitas as soluções encontradas, primeiro porque é bem limi-

tado o espaço destinado aos idiomatismos, cuja descrição não é objetivo de um dicionário geral, e segundo porque o tratamento dessas lexias nesses dicionários ainda não tem critérios muito bem definidos: muitas vezes eles não informam se o que encontramos se trata ou não idiomatismos, nem se preocupam em identificar o que é paráfrase explicativa e o que é equivalência realmente idiomática. Além disso, quase não há explicação de seu significado ou uso.

Outro problema é o da localização da EI que raramente vem como entrada. Por exemplo, onde procurar a expressão *pagar um mico*? No verbete *pagar* ou em *mico*? Acrescenta-se, ainda, o fato de que o maior dicionário bilíngüe por nós utilizado (Azevedo, 1988), é antigo e de origem portuguesa, o que significa que nem as expressões mais recentes, nem as brasileiras são contempladas, além de que, as que o são, estão em uma linguagem muito diferente daquela que estamos habituados a usar todos os dias. Finalmente, consultamos um dicionário brasileiro e recente (Signer, 1998) que, por sua vez, era muito restrito, contendo apenas 40 mil verbetes e pouquíssimos idiomatismos.

#### 4.4. Nos dicionários bilíngües especiais

O único dicionário especial bilíngüe francês-português tratando de idiomatismos por nós encontrado (Mattos & Bretaud, 1990), embora de muita utilidade, não apresentava um tratamento sistemático de tais unidades lexicais. Apesar de intitulada *Dicionário de idiomatismos*, essa obra incluía muitas outras unidades fraseológicas, tais como provérbios (*Água mole em pedra dura tanto bate até que fura*; *Mais vale um pássaro na mão que dois voando*, etc.), locuções (*ainda assim*, *em primeiro lugar*, etc.), entre tantas outras.

A escolha do verbete no qual a unidade lexical deveria figurar também é imprecisa, sem critério metodológico claro, além de não haver nenhuma explicação introdutória sobre esse assunto. Para inserir, por exemplo, a expressão *comer gato por lebre* ou *meter mãos à obra*, os autores optaram apenas por um núcleo substantivo

- *gato* – para a primeira expressão, e pelos dois núcleos substantivos - *mão* e *obra* – para a segunda expressão.

## 5. Os informantes brasileiros e as dificuldades da coleta de dados

Sempre que os dicionários deflagraram-se insuficientes, só conseguimos compreender uma expressão encontrada ou checar se era realmente usual por meio de pesquisa de campo.

Em se tratando da colaboração de informantes brasileiros, foi consideravelmente complicado fazê-los definir algo sobre a EI pesquisada. Isso porque, como falantes nativos, utilizamos essas lexias inconscientemente, sem nos preocupar com uma definição muito precisa de seus significados.

Não foi fácil, por exemplo, explicar que *dar com a língua nos dentes*, por exemplo, significa que uma pessoa possa falar algo indevido, ou contar um segredo ou delatar algo ou alguém, sem contudo que essa pessoa deixe claro se houve ou não a intenção do ato. A dificuldade é a mesma também para a EI *virar o disco*, que tem como núcleo semântico o conceito de mudança, mas pode ser usada para referir-se tanto a alguém que se tornou homossexual quanto a alguém que mudou de assunto em uma conversa.

Assim, foi necessário recorrermos a várias explicações, o que muitas vezes influenciava a resposta dada pelos informantes-usuários.

## 6. Os informantes franceses, as diferentes visões de mundo e suas implicações

Talvez as situações em que somos obrigados a falar sobre a língua, e não simplesmente por meio dela, sejam as que mais colocam em evidência as lacunas existentes entre os diversos idiomas e os diferentes recortes de mundo feitos por cada um deles. Assim

nos damos conta do enviesamento causado pela linguagem, e questionamo-nos sobre quais seriam os vieses produzidos pela maneira por que aprendemos a enxergar o mundo.

Observamos, ainda, que muitas vezes os informantes franceses por nós entrevistados não se recordavam de nenhuma expressão em francês que tivesse o significado procurado. Outras vezes, influenciados por nossas perguntas, por nossas explicações, pela língua portuguesa aprendida e por muitos outros fatores, apresentavam EIs tendenciosas. Vale como exemplo, a EI *agir na sombra*, que a princípio teve a tradução *agir en cachette*, influenciada pela explicação *agir às escondidas*. Posteriormente, chegamos à conclusão que *agir na sombra* era uma EI com uma conotação mais próxima de *agir sous le manteau*, por recuperar em parte a mesma imagem.

Isso implica que, apesar do extenso trabalho, os resultados nem sempre foram tão satisfatórios, obrigando-nos a buscar outros informantes ou, em último caso, a recorrer a uma explicação em francês do significado da expressão idiomática em português.

## Conclusão

Com base nos estudos que estamos fazendo sobre os idiomatismos e em algumas pesquisas já concluídas, acreditamos que observações de cunho essencialmente fraseológico representam de fato uma contribuição de maior substância para as propostas de correspondência idiomática intralingua, pois lhe respeitam a especificidade léxica, mas no que concerne à correspondência interlingua, a ponto de se poder analisar ainda os graus de sinonímia entre, por exemplo, *avaler son acte de naissance*, *casser sa pipe*, *lâcher la rampe* ou *passer l'arme à gauche*, apresentados como equivalentes de *abotoar o paletó*, *bater as botas*, *passar desta para melhor* ou *vestir o pijama de madeira*, é fundamental que o pesquisador - lexicógrafo ou tradutor - também conheça as linhas teóricas da tradução e se posicione.

## Bibliografia

- ARROJO, R. (Org.) *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992.
- AZEVEDO, D. *Grande dicionário francês-português*. 10.ed. Lisboa: Bertrand, 1988.
- AZEVEDO, D. *Grande dicionário português-francês*. 8.ed. Lisboa: Bertrand, 1988.
- BÁRDOSI, N. Problèmes posés par le traitement lexicographique des figés dans les dictionnaires français. *Fremdsprachen Lehren und Lernen*, n.21, 1992, p.104-116.
- BEVILAQUA, C. R. Tipologia e dicionário. *Cadernos do Instituto de Letras da UFRS* (Porto Alegre), n° 10, p. 17-22, 1993.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa* (São Paulo), v. 28, supl., p. 1-26, 1984.
- BIDERMAN, M. T. C. A unidade lexical e o lema do dicionário de língua. *Corpo e Voz*, Sériencontros, ano XV, n° 1, p. 71-6, 1997.
- BOYSEN, G. Les informations du dictionnaire bilingue - équivalents ou champs sémantiques? *Cahiers de Lexicologie*, n° 56-57, p. 45-9, 1990.
- CASCUDO, L. C. *Locuções tradicionais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, Natal: UFRN, 1977.
- DANLOS, L. La morphosyntaxe des expressions figées. *Langages*, n° 63, p. 53-74, 1981.
- DANLOS, L. Les expressions figées. *Langages*, n° 90, p. 23-38, 1988.
- DUVAL, A. Nature et valeur de la traduction dans les dictionnaires bilingues. *Cahiers de Lexicologie*, n° 56-57, p. 27-33, 1990.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: PUF, 1982.

GROSS, M. Les limites de la phrase figée. *Langages*, nº 90, p. 7-22, 1988.

GROSS, M. Une classification des phrases “figées” du français. *Revue québécoise de linguistique* (Montréal), v. 2, nº 11, p. 151-185, 1982.

LODOVICI, F. M. M. *Elementos constitutivos dos idiomatismos no português do Brasil*. São Paulo, 1989, 262p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas: Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) - Pontifícia Universidade Católica, Campinas.

MAGALHÃES JR., R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

MORGAN, J. R. *Expressões idiomáticas inglês-português*. Ed. C. Q., s.d.

NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

PUGLIESI, M. *Dicionário de expressões idiomáticas - locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo: Parma, 1981.

REY, A. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. *Lexicographica*, nº 2, p. 33-42, 1986.

REY, A., CHANTREAU, S. *Dictionnaire des expressions et locutions*. 2.ed. Paris: Robert, 1994.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. Trad. Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa* (São Paulo), v. 28, supl., p. 45-69, 1984b. Original francês.

RIBEIRO, J. *Frases feitas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

ROBERT, P. *Le nouveau petit Robert*. Paris: França, 1999.

RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

SABINO, F. *Lugares-comuns*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SILVA, E. C. *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1975.

SIGNER, R. *Dicionário brasileiro francês-português/português-francês*. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

TAGNIN, S. E. O. A tradução dos idiomatismos culturais. *Trabalhos de lingüística aplicada*, nº 11, p. 43-52, 1988.

TRISTÁ, M. A. *Fraseología y contexto*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

XATARA, C. M. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Araraquara, 1994, 140p. Dissertação (Mestrado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

XATARA, C. M. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Araraquara, 1998, 253p. Tese (Doutorado em Letras: Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt : Peter D. Lang, 1980.